

O MOMENTO

Desta vez não se tratava de desacatar Carlos Lacerda, de raptá-lo ou espancá-lo; desta vez era para matar, era para fuzilar.

O criminoso não agiu em um momento de ódio e loucura. Organizou a emboscada, deu ordem aos seus pistoleiros e ficou longe, dentro de uma sala, em perfeita segurança, ao lado de um telefone e de um rádio, esperando o resultado.

E deve ter ficado pálido e trêmulo com a decepção. Carlos Lacerda continua vivo. Em seu lugar morreu, com duas balas no peito, um oficial da Aeronáutica.

Os colegas do morto não se limitam a lamentar a morte de um homem jovem, pai de quatro filhos, devotado ao seu ofício. Exigem, e têm força para exigir, que o crime seja punido. Desta vez o inquérito não poderá parar na porta de nenhum palácio; desta vez a Justiça não poderá silenciar ao ouvir, num sussurro, o nome de alguma personalidade intocável.

É impossível até este momento, dizer quem foi o mandante desse crime — isso envolveria o risco de se cometer uma odiosa injustiça. Mas há meios para chegar, de investigação em investigação, à figura desse assassino covarde e frio. Há pontos de partida e pistas mais do que suficientes para o êxito do inquérito. O culpado só não será descoberto se for propositalmente encoberto.

Confieamos em que desta vez a circunstância de haver tomado morto um oficial das forças armadas obrigue a punição do criminoso. Sem isso entraremos em um período de desgraça e de terror: todo o Brasil será transformado em um imenso município de Caracas, e ninguém — ninguém! — terá a lucrar com isso. Os desmandos e escândalos do governo Vargas nos trouxeram a esta situação. A única "chance" de reagir é esta, e agora: reagir impondo o cumprimento da lei, não a quem doer. De outro modo essa barbárie, já sangrenta, se converterá em caos.

6/8/54 R. B.